

CAMINHOS CRUZADOS - MEMÓRIAS SUPÉRFLUAS

MARIA LUIZA DE CARVALHO ARMANDO*

Em **As mãos de meu filho**, Erico Verissimo cita uma personagem de Huxley que se pronuncia a respeito de Proust: " - Deve haver algum meio de nos vermos livres de nossas memórias supérfluas." ¹ Sem embargo, a ausência de unanimidade a propósito do que seja supérfluo justifica o presente depoimento.

Não o constitui apenas uma dupla — ou tripla — homenagem, mais do que merecida; também, origina-o a convicção de que as miúdas memórias dos recantos obscuros são parte fundamental do conhecimento da História.

Em 1975, quando Erico morreu, preferi me calar, porque então eram muitos os que, "à tort ou à raison", queriam pronunciar-se. Falo hoje, resgatando a omissão voluntária, e dedico este a meus pais e a seu, e meu, amigo. Ao amigo, não ao escritor; o escritor não precisa de mim para que se o recorde.

(Uma das vantagens dos percursos da memória é que não obrigam a uma lógica cartesiana no se dispor a matéria; caminhos bus-

*Universidade de Ijuí, RS.

¹ VERISSIMO, Erico. **As mãos de meu filho - contos e artigos**. Porto Alegre, Edições Meridiano (Of. Graf. da Tip. Thurmann), 1942. ("Há várias maneiras de amar", in "Ezequiel - Apontamentos sobre A. Huxley", p.95-102 op. cit. Cit.: p.101)/V. anexos.

TRAVESSIA Nº 11 - 1985 - JUL/DEZ.

cam-se uns aos outros, espontâneos; formam teias cuja lógica superior quem sabe ver detecta. Assim deste depoimento.)

* * * *

Aprendi Erico Verissimo no interior de minha casa, na voz e nas memórias de meus pais. Minha experiência direta do escritor, no entanto, foi durante muito tempo restrita a alguém (não ouvido: imaginado) na outra ponta do fio telefônico; a um livro para adultos que eu selecionava cegamente na biblioteca da casa; ou às histórias infantis que, sob a forma de herança, me chegavam em edições originais, hoje preciosas. Assim conheci **Viagem à aurora do mundo** (V. anexos), **As aventuras de Tibicueira**, **O urso-com-música-na-barriga**, **A vida do elefante Basílio**, **Os três porquinhos pobres**, **As aventuras do avião vermelho...** e o boneco Nanquinote.

À medida que Erico Verissimo crescia em celebridade, uma espécie de "corte" se formava a seu redor. Não que ele a cultivasse em função de vaidade; submetia-se amavelmente a essa condição de "homem público" pela cordial abertura — discreta — que o caracterizava. Conheci isso mais tarde, em sua casa de Petrópolis, aberta a todos os que o procurassem.

Mas nos tempos recuados de que falo agora sabia disso indiretamente. E foi exatamente esse motivo que retardou meu encontro pessoal com Erico. De fato, em meu ambiente familiar tinha-se por norma a mais absoluta moderação nas relações com os amigos "célebres". Assim, telefonemas para saber notícias ou encontros casuais (provavelmente, na Rua da Praia...) substituíram para meus pais uma convivência que havia sido estreita, outrora, quando o escritor apenas se esboçava. Evidentemente, do cunho moralmente aristocrático de uma tal atitude fazia parte o não dar nunca a conhecer o motivo do relativo afastamento. Se o tivesse sabido, Erico o teria compreendido e acatado; evoca ele em suas memórias um pudor semelhante: "Em princípios de 1931 conheci Henrique Bertaso, homem também da minha geração. Como era 'filho do chefe' não quis aproximar-me muito dele." ²

Tão relativo era, na verdade, aquele afastamento, que se

²VERISSIMO, Erico. **Solo de clarineta - memórias**.
bo, 1º volume, 10ª ed., 1976. p.249.

Porto Alegre, Glo-

acompanhava minuciosamente, em minha casa, o que dizia respeito ao amigo escritor. Talvez tenha sido por influência dessa atenção dos adultos que me fixei, uma vez, num artigo da revista juvenil dos Jesuítas, *O eco*. Tratava-se de um número velho já então, que me caiu nas mãos de leitora incansável e precoce amante de arquivos. Muitos anos depois, no estrangeiro, trabalhando eu em uma dissertação (que viria, mais tarde, a integrar, em nova versão, minha tese de doutorado), o distante episódio, inesperadamente, emergiu do passivo da memória seletiva. Simultaneamente, a consciência de adulto recuperou as sensações estranhas que havia provocado a leitura aquela. Pareceu-me então que fora o tom, mais do que a matéria (obscura para a criança) o que me havia impressionado tanto.

Conforme lembrava, o artigo em causa tentava cobrir de abominação uma obra de Verissimo, apresentando o Autor como uma espécie de corruptor da juventude (espécie de "Sócrates provincial", como escrevi mais tarde), evocando, em meio a desoladas e renitentes reticências, a morte, recente, de um filho de Getúlio Vargas.

Tal fato seria evocado por mim no trabalho que redigia e, igualmente, na tese futura, dado que, uma vez lembrado, me apareceu como significativo, à luz da crítica, no quadro da cultura rio-grandense, segundo a linha interpretativa que eu desenvolvia. Inicialmente, porém, ancorada apenas em antiquíssimas lembranças, achei que a obra em questão era **Olhai os lírios do campo**.³

Um acontecimento fortuito veio, quase em seguida, não só retificar esse lapso, como, também, trazer-me a confirmação de minhas lembranças e suposições; ao chegar-me o primeiro volume de **Solo de clarineta** (ed. cit.)⁴, verifiquei com surpresa que nessa obra póstuma Erico Verissimo exumava aquele fato. Portanto, eu não o tinha sonhado... Lendo seu próprio depoimento, conheci, ademais, do fato a amplitude, a seqüência e os detalhes que, forçosamente, ignorava. E verifiquei que era, sim, merecedor da significação contextual que eu lhe supusera, ao refletir

³VERISSIMO, Erico. **Olhai os lírios do campo**. Rio de Janeiro / Porto Alegre / São Paulo, Globo, 5ª ed., 1ª impr., 1962.

⁴Cf. VERISSIMO, Erico. **Solo de clarineta**, ed. cit., p.279-280.

sobre ele a partir de meus "recuerdos". Aliás, a interpretação que lhe dá o escritor é de tal forma com a minha coincidente, sob certo aspecto, que até mesmo formula, em outras palavras, a idéia contida em "Sócrates provincial", expressão minha já mencionada. (E, com efeito, mais de uma vez eu ouvira referência, outrora, ao que Moysés Vellinho chamou temperos eróticos...⁵) Finalmente, lendo o depoimento do escritor pude também identificar o engano que eu cometera: o artigo d'**O eco** não se referia a **Olhai os lírios do campo** e, sim, a **O resto é silêncio**.⁶

Indaguei-me sobre a razão desse engano; e foi assim que o caracterizei como lapso: **Olhai os lírios do campo** havia sido a obra que ganhara de Verissimo, carinhosamente dedicada, no dia em que afinal o conhecera pessoalmente, no fim do ano de 66. (Nascido a 17 de dezembro de 1905, estava ele então nos seus sessenta e um anos.)

Foi só ao voltar à Província depois de um período paulista (ou paulistano) que vim a conhecer o escritor pessoalmente. Para assim vencer os pudores familiares havia um bom motivo: Kim Chang Su, futuro professor da Hankuk Universidade de Estudos Estrangeiros, da Coréia do Sul, encontrado num CRPE que o INEP encravara no Campus da USP.⁷ Seguiu ele cursos de pós-graduação em literatura brasileira; e, ao receber sua visita em Porto Alegre, ocorreu-me apresentá-lo a (e apresentar-lhe) Verissimo. Meus pais anunciaram a visita por telefone; e lá nos fomos à Felipe d'Oliveira.⁸

Através de meus pais e de sua qualidade de "homem público" Erico se me tornara familiar. Minha tendência, pois, era tratá-

⁵ Cf. VELLINHO, Moysés. "Erico Verissimo - o romancista", in Idem. **Letras da Província**. Porto Alegre, Globo, 2ª ed., 1960. p.193-194 (Col. "Província").

⁶ VERISSIMO, Erico. **O resto é silêncio - romance**. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1943.

⁷ CRPE: Centro Regional de Pesquisas Educacionais.
INEP: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

⁸ Por acaso, a casa a que Erico tanto se ligou fica numa rua que leva o nome de um poeta rio-grandense-do-sul (Felipe d'Oliveira apareceu no primeiro decênio de nosso século).

lo pelo prenome, familiarmente. Mas uma dessas mesmas razões — a distância que se interpunha entre mim e um "homem público" — predispunha à cerimônia (tão avessa, aliás, ao caráter do escritor). Ensaiei, então, sob seu protesto, uma fórmula mista: "- Erico, o senhor..." Só mais tarde pude passar a um tratamento homogêneo.

Falamos então dos tempos antigos, que eu não conhecera, mas de que tivera notícia. Recém-casados e instalados em Porto Alegre, Erico e Dona Mafalda foram viver a certa altura numa "pensão" no Alto da Bronze.⁹ Muitas vezes passei por ali com minha mãe, no histórico bondinho Duque; ela me apontava a casa, a parecer-me um palacete. (Ou seria uma outra casa de sua vida pregressa, essa que me apontava? Já hoje duvido.) Helia e Athos como os Verissimo, iniciavam a vida adulta. Pioneira da Escola Nova, minha mãe exercia no "Fernando Gomes" (primária experimental que a Escola Técnica "Ernesto Dornelles" veio a expulsar, em 1946, de sua base material, no Alto da Bronze, e que foi então extinta). Muito amada pelos alunos do Jardim da Infância, recebeu um dia a proposta de uma menina: "Professora, venha morar em minha casa." Mas, como? A menina, porém, insistia: "Garanto que minha avó lhe aluga um quarto!" Não acreditando, minha mãe concordou. No outro dia, a resposta era: "-Venha! Minha neta quer tanto!" Eram jovens, se mudavam facilmente... Foram. Esse foi o "caminho cruzado" que os conduziu ao casal Verissimo.

A "casa de Dona Rosa"... Em suas memórias, Erico Verissimo não nomeia seus vizinhos, nem Dona Rosa Rodrigues — que veio a ser a madrinha de meu irmão, logo após nascido. Mas, à página 257 do opúsculo citado menciona a "casa de cômodos do Alto da Bronze", os improvisados móveis do casal — mais improvisados do que os dos vizinhos, pelo visto (ou seja, pelas fotos que tenho do quarto de meus pais, nessa "pensão" que pensão não era) — e o fato de, por ele e Dona Mafalda não terem ainda filhos, gostarem de se entreter com os "filhos alheios" (*ibidem*)

⁹ Altos da chamada "ponta da cidade", no extremo da rua Duque de Caxias, em direção ao Guaíba, cujo nome se deve a uma antiga proprietária do local, segundo nos consta.

que pediam emprestado (a formulação é do escritor) "a vizinhos e amigos" (*ibidem*). Um desses "filhos alheios" foi meu irmão; e ao conhecer-me, tanto tempo depois, Dona Mafalda — como o faria sempre, posteriormente — perguntou-me vivamente por ele e sua vida. Como Dona Rosa (que o "salvou" de quotidiana cachacinha aplicada em mamadeira pela babá a quem era confiado), Dona Mafalda ajudara a cuidá-lo. E é a certidão de nascimento de meu irmão que me fornece o endereço exato da "casa da Dona Rosa": Rua Duque de Caxias, nº 458. (Existirá ainda, hoje que os edifícios modernos, fruto quase sempre da especulação imobiliária, levam a melhor, eliminando as casas humildes ou solarengas, da velha Porto Alegre ingênua?)

* * * *

Erico, como contava meu pai, como conta o escritor em suas memórias (cf. p.247 e 254-5 op. cit.), pressionado pela necessidade, alongava-se em trabalhos noturnos visando à sobrevivência financeira. Traduzia do inglês; e com tanta facilidade o fazia que — contava meu pai —, vertia diretamente: do texto original à máquina de escrever. "Quando hoje penso nos meus primeiros romances, custa-me crer que eu os tenha escrito dentro das 'aparas' de tempo que me sobravam das outras funções" — escreve Verissimo à p.254 do primeiro volume (ed. cit.) de suas memórias.

Mas seu primeiro livro — aparecido nessa época, 1932 — não foi um romance e, sim "uma coleção de contos em sua maioria na forma de pequenas peças de teatro, com influências de Ibsen, Shaw, Anatole France e Pirandello, sendo que a deste último era uma influência de oitiva" (VERISSIMO, op. cit., ed. cit., p. 250): **Fantoches** (V. documentação anexa). Erico ofereceu a meus pais um exemplar dessa hoje rara primeira edição da obrinha.¹⁰

¹⁰ VERISSIMO, Erico. **Fantoches**. Porto Alegre, Edição da Livraria Globo, Barcelos, Bertaso & Cia. (Filiais: Santa Maria e Pelotas), 1932. A orelha do livro menciona títulos de uma "Coleção Verde" ("Livros para Senhoras e Moças") e a contracapa, um "programa de divulgação de autores nacionais" que anuncia títulos de Paulo Corrêa Lopes, J. Nogueira Leiria, Marcos Iolowitch, Berilo Neves, Zeferino Brasil e De Souza Junior. A impressão é das Of. Graf. da Liv. do Globo, Porto Alegre. / Em 1972, a Globo comemorou os "40 anos de atividades literárias de Erico Verissimo" com uma edição fac-similada dessa obra, com "Comentários e ilustrações do próprio Autor": VERISSIMO, Erico. **Fantoches**, Edição fac-similada comemorativa aos quarenta anos da atividades literárias do Autor, Porto Alegre, Editora Globo, 1972.

Data de então o boneco Nanquinote (cf. p.183-211 op. cit., ed. cit.), cuja história, publicada após como obra infantil ilustrada, me impressionaria tanto, ao me cair nas mãos. Não há dúvida que muito do futuro escritor já se encontra em **Fantoches**: quanto ao contador de histórias, parece-me estar aí por inteiro.

Cruzando os caminhos de meu pai e Erico, o acaso cruzou dois contadores de histórias. O escritor reivindicou sempre esse título, em forma de modéstia; e provavelmente os que por isso o desprezassem (com certeza, uma certa crítica) não poderiam avaliar o quanto, de fato, era para ele um título de honra. A julgar por correspondência que tenho, nunca deixou de acreditar que o romancista devesse ser um contador de histórias humanas: o que o levou a perguntar, nos últimos anos, face a determinadas correntes teóricas e críticas da literatura, se de fato o homem estaria "périmé"... (o termo é usado pelo escritor, em carta a mim). Quanto a meu pai — "conteur" e "causeur" extraordinário, observador e analista do humano, pleno de finura e humor —, estimava-se em pouco e nunca quis escrever as histórias que contava e recontava, histórias essas vividas; e "filosofadas" com argúcia e graça. No entanto, valorizava o narrado. E, como Erico insistisse com ele para que escrevesse, propunha-lhe fornecer-lhe a matéria, e que o escritor a aproveitasse... As histórias de meu pai se foram com ele. As de Erico ficaram. Tanto pode a escrita.

Recordo meu pai de infinitas maneiras. O escritor, recordo-o sobretudo como o vi nesse dia de 66 em que lhe apresentei o Kim, apresentando-lhe também a mim mesma. Porque assim o veria outras vezes, depois, em sua "toca" da Felipe d'Oliveira, num ambiente significativo — livros e livros, obras de arte, objetos do mundo inteiro... e, bem entendido, os apetrechos do escrever. Um mar de conversação rodeava-o às vezes, entrecortado por cafezinhos famosos; Dona Mafalda ia e vinha, ou se animava em trabalhos de agulha; mas, mesmo em conversação coletiva, ele dava a impressão de que cada um era único. Tê-lo só para a gente era melhor, obviamente; mas nas ocasiões "coletivas" era mais fácil observá-lo. Seu olhar de romancista, escuro e pro-

fundo, ao mesmo tempo ativo e distraído, dava a impressão, sob as grossas sobrancelhas, de captar matéria romanesca na **entourage** (termo grato a meu pai) que se agitava... Atento à conversação, apesar disso, intervinha oportunamente nela.

Os assuntos, de várias ordens, fluíam: da confusão geralmente cultivada entre a vida literária e a literatura, por exemplo, ao possível absurdo da existência. Assunto este crucial, principalmente para quem, como ele, tinha já, nos últimos anos, sua vida claramente ameaçada. (Como se sabe, e como me escreveu uma vez, tinha "o coração remendado".) Os verdadeiros romancistas — tendo a crer — possuem uma profunda inteligência da vida. Levada por essa crença e confiante nos laços que a ele me ligavam mesmo antes de mim, eu trouxe à baila o assunto, talvez candidamente, talvez fora de hora: Não é a vida absurda? É, sim — respondeu. Mas ajuntou em seguida: "A vida é absurda, mas vale a pena."

* * * *

Acho que outros já evocaram esse gabinete (ou, antes, vasto recinto) onde recebia os que quisessem vê-lo; a cordialidade da recepção (à meia luz, se era noite); a simplicidade que a acompanhava; o calor humano que reinava ali (e na casa inteira), mesmo quando, não sendo inverno, não ardia a lareira. Trata-se aqui de memórias pessoais; não é demais repeti-lo. Permito-me, pois, evocar uma noite hibernal do ano de 75, quando o vi (não sabia disso, mas registrei fotograficamente o momento) pela última vez. Em andanças pelo mundo eu já havia alguns anos, trocávamos cartas, por vezes. E (deve-lo-ei dizer), quando eu peregrinava atrás de bolsas de estudo ou auxílios visando à minha sobrevivência, foi um dos que nunca quiseram negar-me apresentações mais do que generosas. Documentos desse tipo andam perdidos, mas bem guardados, em meus arquivos de correio. Talvez um dia os que, como eu, possuem essa e outras espécies de documento possam ajudar a escrever as "nossas memórias de Erico", o nosso "solo de clarineta". (Para tanto deverá contribuir o trabalho de Maria da Glória Bordini, que está organizando o acervo do escritor.) Notícias suas e da família; novas da atividade literária desenvolvida no momento; referências a fatos

de cá e de lá; apreciações sobre isso e aquilo; posicionamentos ante a literatura, a teoria literária, a crítica; parabéns, estímulos, sugestões, às vezes... tudo isso, fixado por escrito, juntar-se-á ao que cada um recorda.

Que a História é feita também de milhares de histórias, isso o sabia ele, que valorizar as vidas comuns, aquelas que não chegam, ao contrário da dele, a ultrapassar os umbrais da própria porta. Creio que a atenção que dedicava aos conhecidos não era senão uma faceta da que prestava a toda pessoa, da importância que atribuía a cada história, a cada potencialidade humana. Dei-lhe uma vez poemas meus a ler (como costume fazer quando se trata de amigos; apenas para dar-me a conhecer um pouco mais, revelar aos eleitos a minha "forma secreta" — se se me permite o plágio!¹¹ Pouco depois, lia alguns desses poemas, com título dado por ele, na página de capa do "Caderno de Sábado" do agora extinto **Correio do Povo**. E um bilhete de Erico acompanhava a surpresa, dizendo que a seleção não visara aos melhores e, sim, aos mais "publicáveis". Que dívida teremos para com aqueles que acreditam em nós? Erico acreditou até mais do que devia: sugeriu-me uma vez que colecionasse experiências, que escrevesse meu "diário de Paris", para no futuro, transformá-lo em romance. Sabia eu que para tanto não teria fôlego nunca. No entanto, a sugestão foi seguida, o material recolhido, em uma nova tentativa de diário, prática que minha mãe já tentara estimular em minha infância.

Não disponho no momento da carta em que ele me dá tal sugestão. Recordo-a, porém, visualmente, porque, nessa época, Erico se "ensaiava" em sua nova máquina elétrica — o que o leva a desculpar-se pelo texto, cheio de correções a mão, cujo pitoresco me fixou na memória. Por acaso, encontrei fragmentos de minha resposta, em que lhe conto que sua sugestão fora seguida, comento as asserções de sua carta sobre a literatura e a crítica francesas contemporâneas e, entre outras coisas, refiro-me divertidamente a seu desempenho datilográfico: "(E tua máquina elétrica? Já te acostumaste? Sabes que ela deu um caráter pró-

¹¹Alusão a MEYER, Augusto. **A forma secreta**. Rio de Janeiro, Editora Lida-dor, 1965.

prio, de muita graça, à tua carta? Por exemplo, quando leio 'Mafaça' em vez de 'Mafalda', tenho tendência a dar razão àque-la teoria que faz o cômico originar-se do imprevisto"...

Mas eu falava há pouco da última vez em que o vi, no inver-no (brasileiro) de 1975. Na época, preocupava-me o magistério que exerceria em Universidade francesa onde meu curso principal versaria sobre a cultura e a literatura rio-grandenses - do-sul. Conteí a Erico que o programa desse curso monográfico — já aprovado pela Universidade — centrar-se-ia em **O Continente** (v. anexos) e pedi-lhe que me ajudasse na preparação de material so-noro. Escolheu ele um trecho da obra citada e o leu para o gra-vador. É assim que sua voz me chega hoje do passado, substitu-indo o disquinho da "Festa", perdido e irrecuperável: meu exem-plar, ao que sei, passou ao patrimônio do General Pinochet; e — particular tipicamente brasileiro — aquele que eu compraria para substituí-lo não existe: os discos da coleção desaparece-ram de catálogo. Foram-se Erico, Manuel Bandeira, Gabriela Mis-tral... e outros.

* * * *

Nessa mesma cidade do Sudeste francês para onde carregara sua voz registrada estava eu em dezembro do ano citado, ainda precariamente instalada entre "quatro paredes nuas" (diria o Augusto Abelaira) que esperavam pela eletricidade.¹² Escreven-do a alguém a 2 desse mês, do alto mais alto da cidade disposta sobre e entre montanhas, contava que o vento uivara toda a noi-te; e que uivara ainda enquanto eu escrevia, um vento pressago que parecia desencadeado para sempre. Contava que descera à cidade, na tarde fria e cinzenta, e, abrigada num dos "cafés" em que é pródiga toda e qualquer cidade francesa, comprara, com um dia de atraso, o jornal **Le Monde**. Contava também que, ao lê-lo despreparada, topara de repente com a notícia. Morrera o Erico. (Soube depois que morrera assim quietinho, discreto, sem testemunhas — nem testemunhas íntimas —, sem nem dar-se o tempo de "incomodar" alguém. Ultimamente, disseram-me, se oper-cebia como que cansado; e absorvido pela idéia da morte. De fa-

¹² Alusão a ABELAIRA, Augusto. **Quatro paredes nuas** - Contos. Lisboa, Livra-ria Bertrand, 1972.

to, os "remendos" do coração não o levariam longe...) Em algum lugar, em meus arquivos que as sucessivas mudanças de mundo mantêm em desordem, essa notícia de **Le Monde** se encontra. Porém, ao lê-la, não acreditava nela... E, no ambiente de inverno apocalíptico, aquele vento parecia o de "Ana Terra".¹³ Após, minha mãe me "reportou" o enterro e contou que, em Porto Alegre também, um dia de sol se transformara em vento. Num vento de Ana Terra. Como a mim, e sem saber de mim, a coincidência a impressionara.

* * * *

Traduzido e publicado pela Renê Julliard¹⁴, presente às vezes em programas de cursos e concursos e em colóquios para especialistas, Erico, contudo, é — ou, pelo menos, era — pouco divulgado em francês; muito menos do que em outras línguas. E não admira: no Brasil mesmo (Rio Grande do Sul a parte), devido talvez ao preconceito relativo ao **best seller** (ele o é, em sua província, ao menos) ou, quem sabe, a suas características de romancista tradicional (por tal tido), Verissimo parece ter sido (e, talvez, fora de seu Estado ainda o seja) um pária da Crítica. Escritor regional e internacional, sem dúvida; restava que se o admitisse como escritor brasileiro.

Um tal reconhecimento começou a chegar, ao que parece, ainda em vida do escritor. À conjuntura política dos últimos anos da vintena famigerada que todos sabemos (que de resto trouxe à tona os antigos liberais) talvez se deva a projeção relativa em âmbito brasileiro que ele chegou a ter. E, de fato, muitos falaram "depois" — depois da "abertura", depois da "anistia"...; pouquíssimos, porém (quase ninguém) falaram "antes", "durante". Ele teve essa coragem.

¹³ Episódio de **O tempo e o vento - I - O Continente** (v. referências em nossos anexos), publicado separadamente (VERISSIMO, Erico. **Ana Terra**, Porto Alegre, Globo/INL, 1971) e centrado na talvez mais extraordinária das "mulheres fortes" criadas pelo Autor. (Relativamente à composição de **O Continente**, trata-se de um dos "episódios passados", que alternam com os "episódios atuais" — isto é, situados na época da Revolução Federalista (1893-5) do R. G. do Sul —, estando por vezes uns e outros episódios separados por "interlúdios", em que o discurso narrativo se torna freqüentemente evocativo e poético-lírico.) O vento tem uma significação especial na vida de Ana Terra.

¹⁴ VERISSIMO, Erico. **Le temps et le vent**. Paris, Renê Julliard, 1955.

Logo, foi um motivo (relacionado ao literário, sim, mas) extraliterário de certa maneira, o que (julgamos) projetou Veríssimo em seu país — muito depois de sua projeção no estrangeiro. Motivos literários específicos existem; mas esperam descoberta. Silviano Santiago, nos seminários que marcaram os dez anos de morte do escritor, parece ter-se encaminhado nesse sentido.¹⁵

Surgindo na conjuntura política de que falávamos acima, **Incidente em Antares**¹⁶ foi com certeza responsável pela atenção dada ao escritor a nível de país. No entanto, essa obra representa, a nosso ver, apenas um momento mais de coerência, face ao que havia sido sempre o cidadão-escritor Erico Veríssimo.

De resto, embora avesso à autopropaganda, à autopromoção de que o país anda infestado,¹⁷ Erico foi, até agora, com Jorge Amado, o único escritor brasileiro a poder manter-se graças à literatura exclusivamente. E, se muito deveu ele à Editora Globo, esta deve muitíssimo mais à fidelidade do escritor em assegurar-lhe a exclusividade de seus numerosíssimos títulos. Porém, se me lesse, ele — humorista e algo irônico que era; era-o na vida e o é na obra — talvez dissesse que esses fatos interessam a vida literária, mas não a literatura...

Nem de uma nem de outra se trata aqui, senão que de memórias, e memórias pessoalíssimas. Mas me seja permitido, já que falei em humor e ironia, referir-me de novo a **Incidente em Antares** e dizer, embora sem base em rigorosa análise crítica, que a

¹⁵"IV Seminário Brasileiro de Crítica Literária" e "III Seminário de Crítica do Rio Grande do Sul", P. Alegre, dezembro de 1985. Em sua comunicação, Santiago comentou aspectos originais, para a época, de obras de Veríssimo, como a composição contrapontística (o que, a nosso ver, evidencia a formação literária internacional do Autor, que era, sob certo aspecto, muito pouco provinciano e "regional", e mais universal do que muitos dos grandes — reconhecidamente — escritores brasileiros de sua geração).

¹⁶VERISSIMO, Erico. **Incidente em Antares**. Porto Alegre, Globo, 1971.

¹⁷De volta ao Brasil e fixada provisoriamente em Ijuí, precisei, para os arremates de minha tese, da 1.ed. de **O Continente**. Meu exemplar, por questões de segurança, esperava em Lisboa que eu o fosse buscar; e pesquisas diversas para encontrar outro foram infrutíferas. Recorri a minha mãe em Porto Alegre e ela comunicou-se com D. Mafalda, que não encontrou essa edição na vasta biblioteca de Erico: o escritor, nos informou a esposa, não costumava colecionar as edições de suas obras...

primeira parte dessa obra contém, em minha opinião, a única autoparódia da literatura rio-grandense, fora a, anterior, de João Simões Lopes Neto.¹⁸

* * * *

Mas retorno aos caminhos de quem, cruzando-se com Erico Verissimo (quando eu era apenas um ignoto possível dos tantos do Universo) permitiu que eu pudesse também, num dia futuro, cruzar-me com ele. De meu pai resta a presença na lembrança; e, vagando em um mundo próprio seu, minha mãe já não pode, nem enriquecer, nem retificar as recordações a que eu empresto voz, tendo-as, tanta vez, ouvido deles. Fato recente, contudo, ratifica o que eu dizia de início quanto à relatividade do afastamento que um certo código ético impunha-lhes: ao conhecer agora sua primeira bisneta, que por acaso se chama Clarissa, minha mãe, desprezando as observações comezinhas que ocorreriam em semelhante circunstância a nós outros, o comum dos mortais (e talvez desenganando expectativas), sentenciou insolitamente: "— Se parece com o Erico Verissimo..."

Felizmente — penso (como talvez ele próprio pensasse) — há os que chegam, para amenizar (ou intensificar?) a falta dos que, se indo, nos vão deixando cada vez mais sós.

E talvez nós não sejamos só nós; sejamos também pontes: entre os que foram e os que serão ainda. (Talvez que talvez justifique os depoimentos e as memórias.)

¹⁸Referimo-nos à obra **Casos do Romualdo**, do autor citado, (1914), que, a nosso ver, caricaturiza e parodia sua obra, anterior (1913), **Contos gauchescos**. (João Simões Lopes Neto, regionalista sul-rio-grandense, 1865-1916, Pelotas, RS). Cf. LOPES NETO, J. Simões. **Casos do Romualdo**. Porto Alegre, Globo/INL, 1ª ed., 3ª tir., 1973, e Idem. **Contos gauchescos e Lendas do sul**. Porto Alegre/Rio de Janeiro/São Paulo, Globo, 2ª ed., 4ª tir., 1961 (edição crítica). A crítica rio-grandense — salvo erro meu — deu muita ênfase à segunda parte dessa obra, em detrimento, pensamos, da primeira. Logo, enfatizou-se o elemento fantástico a possibilitar uma contestação da sociedade e da política, em detrimento da caricatura e da paródia (relativamente a **O tempo e o vento** — cf. anexos) que nos parecem fundamentais na primeira parte da obra e que, inclusive, relacionam-se à referida segunda parte.